

# ESTILO LITERÁRIO E ESTÉTICA EM HUME

Helvécio Bastos Araujo\*

---

**Resumo:** O objetivo do texto é caracterizar e expor, de forma breve, o estilo de gênero gramatical do filósofo escocês David Hume e demarcar, de maneira curta, o caminho de uma reflexão própria e original em relação às outras diferentes visões da estética do gosto, a exemplo da visão relativista de senso comum, cuja distância o autor procura manter. No seu processo de exposição o autor deixa transparecer o seu próprio estilo filosófico empirista, que serve para reforçar as suas idéias sobre acerca da estética do gosto.

**Palavras-chave:** Hume. Ensaio. Estética. Moral.

---

30

## 1. INTRODUÇÃO

Ao falarmos de estética em Hume temos que ter em mente a sua filosofia e seu modo de ver o mundo e, principalmente, sua epistemologia. Estes elementos estão ligados às leis da causalidade feitas no processo da imaginação. Sendo assim, abordaremos nesse texto, de forma sucinta, a sua estética no que diz respeito a sua forma de escrita ensaísta e a sua estética de gosto.

Como todos grandes autores, grosso modo, Hume cria um sistema que sustentará toda a sua trajetória filosófica perpassando por grandes assuntos e áreas do conhecimento como política, a história da Inglaterra, a religião e a estética. No presente texto abordaremos a sua Estética do padrão do gosto que, por consequência, está intrinsecamente associada aos seus alicerces teóricos referidos acima: o epistemológico, o ético e o moral.

---

\* Aluno do curso de licenciatura em filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: helveciobastos123@gmail.com. Uma versão inicial do presente texto foi apresentada como requisito para aprovação na disciplina *Estética I* (2016.2), ministrado pelo professor Jasson Martins.

O objetivo deste texto é, num primeiro momento, falar um pouco das qualificações e das características da obra que colocam Hume com um grande ensaísta e de seu modo próprio de escrita; no segundo momento trazer uma perspectiva do escritor acerca do gosto, perpassando de forma breve aspectos importantes de sua perspectiva que já adiantamos é uma perspectiva original no sentido de trazer a discussão de um assunto que muitos não iam além da famosa afirmação gosto não se discute!

## 2. ESTILO LITERÁRIO DO ENSAIO E SEU OBJETIVO

Atribui-se o estilo desta *techné* (arte) de escrever ensaios ao filósofo, escritor e ensaísta francês Michel de Montaigne em seu livro *Les essais* (*Os ensaios*) publicados desde 1580. Aqui não será desenvolvido o assunto de maneira histórica de um gênero gramatical (ensaio) já que para isso decorreria em um trabalho mais longo e não seria justo no que se refere no ponto de vista metodológico não citar outros autores desse gênero como Theodor Adorno em seu texto *O ensaio como forma* e David Hume na qual será o centro da nossa investigação a partir de alguns de Ensaaios publicados em sua obra *Ensaaios morais e políticos*.

Qual seria a característica marcante do estilo ensaístico de David Hume? Primeiramente temos que falar da tentativa de conciliação entre dois gêneros da escrita, o gênero erudito e o sociável, distinguindo aquilo que pode ser erudito e refinado daquilo que pode ser simples e sociável no interior da escrita. Por meio de sua forma de escrita, o autor tenta harmonizar os dois estilos num mesmo texto, em suas próprias palavras, no ensaio *Da simplicidade e do refinamento na escrita*.

Não existe a matéria mais ampla no estudo da crítica do que a concernente à combinação justa da simplicidade e do refinamento na escrita; [...] observo que os excessos entre dois gêneros devem ser evitados, devendo-se procurar um meio-termo em todas as produções (HUME, 2004a, p. 325).

A partir dessa citação podemos perceber certa prescrição no que o próprio autor exprime como a boa escrita. Mas o que seria esse meio termo? Essa pergunta Hume tenta explicar na segunda observação, na continuidade do mesmo ensaio:

Que é muito difícil definir [...] explicar com palavras onde se encontra o meio-termo justo entre os excessos de requinte e de simplicidade ou estabelecer qualquer regra [...] de onde começa o erro e onde acaba a beleza de estilo (HUME, 2004a, p. 326).

Desse modo podemos interpretar que na escrita pode haver certa pluralidade e contingência. Na terceira observação, sobre o meio-termo entre requinte e simplicidade, ele faz a seguinte ponderação, aconselhando os escritores:

Devemos nos precaver mais contra o exagero no requinte do que na simplicidade, porque aquele excesso é ao mesmo tempo menos belo e mais perigoso que este (HUME, 2004a, p. 327).

Com isso podemos entender certa valoração diferenciadora entre aquilo que é da ordem da boa escrita e está mais próxima de um modo simples podendo ir ao seu extremo e o extremo oposto que seria o excesso de requinte e erudição. Na busca do meio-termo, o autor recomenda a simplicidade na escrita e associa esta característica da escrita ao refinamento do gosto pelo simples, cujo ponto de partida é uma certeza singela, obtida estética e empiricamente:

Acontece com os livros os mesmo que acontece com as mulheres, nas quais uma certeza singela nas maneiras e no vestir é mais envolvente que o colorido da maquiagem, das aparências e nos adornos, que podem impressionar o olho, mas não alcançam o afeto (HUME, 2004a, p. 328).

A partir dessas observações acerca da boa escrita, voltemos à pergunta: qual o caráter predominando do estilo ensaísta de Hume? Para ele o ensaio é ao mesmo tempo uma conversação e uma erudição sendo dois mundos: o primeiro é o dos eruditos, daqueles que “escolhem para si as Operações mais elevadas e mais difíceis do Espírito” (HUME, 2004b, p.745); o segundo é o mundo dos sociáveis, à medida que “apresenta uma Disposição sociável e um Gosto pelo Prazer, uma Inclinação aos Exercícios mais fáceis e suaves do Conhecimento” (HUME, 2004b, p. 745). Nas palavras do autor, no ensaio *Da escrita de ensaios*, o seu estilo é uma espécie de conciliação entre estes dois Mundos:

É de se esperar que essa aproximação entre o Mundo dos eruditos e o dos sociáveis, que começou de forma tão feliz, seja ainda mais aprimorada, para Proveito mútuo; e, para este Fim, não conheço nada mais vantajoso que estes *Ensaio*s, tais como eu apresento para entreter o público. Dessa forma, não posso deixar de me enxergar como uma espécie de Representante ou Embaixador dos domínios do Saber nos Domínios da Conversação; e considero como meu Dever permanentemente promover um bom diálogo entre esses dois Estados, que dependem tanto um do outro (HUME, 2004b, p. 747).

Em um primeiro momento podemos concluir que Hume apresenta aos seus leitores, além do conteúdo, um estilo peculiar e descritivo de sua filosofia, mesmo que haja outros autores que também se expressam por meio do gênero literário Ensaio. O seu ensaio se caracteriza e se confunde com o seu objetivo filosófico: fazer a mediação entre o mundo da escrita erudita e da escrita simples, fazendo uma dosagem correta do meio-termo daquilo que é do mundo da tradição erudita e o do mundo da conversação.

A vinculação entre erudição e bom gosto está demonstrada a partir de uma afinidade que encontra no sujeito que reflete e aprecia o seu ponto de convergência. Em Hume o ato de filosofar se expressa tanto na escolha dos temas a serem tratados – não por acaso ele escreve ensaios sobre os temas mais diversos – como na forma de tratá-los. O seu leitor é duplamente beneficiado: pelo conteúdo tratado e pela forma de expressão deste conteúdo.

33

## 2. PRESSUPOSTO EMPÍRICO-SENSUALISTA DA EPISTEMOLOGIA DE HUME

Por se tratar da filosofia que é própria de Hume não poderíamos falar a cerca de uma estética sem antes discorrer, mesmo que brevemente, sobre a sua teoria do conhecimento. A abordagem epistemológica do nosso autor servirá como alicerce teórico para a nossa reflexão, uma vez que não seria possível tratar da sua estética sem dizer que ela está, intrinsecamente, ligada à moral e à imaginação.

A partir do parágrafo anterior temos condições de interrogar: como a estética, ou melhor, a experiência estética, está ligada aos valores morais e a imaginação? Em uma tentativa de resposta a essa questão, primeiramente, identificaremos o que é a imaginação de forma breve já que este assunto demandaria uma investigação bem mais aprofundada e

precisaremos apenas de uma definição menos detalhada, já que a imaginação e a razão em Hume são tratadas de maneiras diferentes.

Na historia da filosofia, até então, por sua vez diferido de autores como Descartes e suas características filosóficas, mais especificamente no que diz respeito a razão como o *ergo sum*, cujo elemento definidor da causa tem o seu fundamento na existência do sujeito, sintetizada na afirmação *penso logo sou*, cujo parâmetro se estende à esfera moral e serve de ponto de partida para a avaliação das ações morais.

O nosso autor, no que diz respeito à razão, numa tentativa de explicação do Eu pensante, afirma que o juízo nada mais é do que uma associação feita pela imaginação já que não cabe a razão justificar a existência do sujeito. Como empirista Hume parte do seguinte pressuposto epistemológico: a causa se da em uma ligação entre as nossas experiências e sentimentos vividos no tempo com duas instâncias que são a memória (que guarda as impressões) e a imaginação (responsável por *costurar* e reunir as impressões de um modo distinto da memória). A identidade do sujeito, diferentemente do que afirmava Descartes, está na associação de idéias, como afirma Maria Luísa Ribeiro Ferreira:

No *Tratado da Natureza Humana* (I, IV, VI) ao abordar a identidade de pessoal, Hume aproxima os mecanismos de que no levam a considerar a identidade dos objectos e a do nosso próprio eu. Em ambos os casos trata-se de uma associação de idéias e de uma “transição fácil” (easy transition) de uma percepção para a outra. É um trabalho da imaginação sobre os objectos (FERREIRA, 2012, p. 209).

Como podemos perceber, a partir da lei de causalidade, nada nos garante a relação entre causa e efeito fora de nós. Por isso podemos afirmar a inauguração de uma nova perspectiva na historia da filosofia, pois a garantia da relação entre causa e efeito, antes de Hume, ora era estava ancorada em Deus (metafísica) ora ancorada nos próprios objetos (naturalismo ingênuo). Para o nosso autor essa associação está na ligação entre imaginação.

Elucidada está o que é o caráter da imaginação para Hume. Porém, não respondemos a pergunta proposta, ou seja, não esclarecemos ainda a pertinência entre moral e a sua relação com a imaginação e a experiência estética. Para evidenciar esta relação precisamos descartar algumas características próprias da razão e atribuir à imaginação o lugar do sentimento moral. A investigação humeana muda de forma já que a razão

não será mais o objeto de investigação e sim aquilo que move cada sujeito na ação.

A ação, a partir de agora, teria como sua causa a vontade e, por sua vez, a vontade seria uma impressão interna ao sujeito quando deliberadamente movimentada os objetos ou invoca uma percepção na mente. O que seria essa impressão? Como uma característica de sua filosofia como empirista, Hume define como impressões tudo aquilo que é obtido através das experiências vivenciadas no tempo como, a exemplo, da experiência estética. No que tange a moral a ação está fortemente ligada à vontade que por sua vez está atrelada aos sentimentos (paixões) de cada sujeito de forma subjetiva. As impressões, portanto, uma vez que estão fora da razão, estão ligadas à memória e à imaginação.

Agora sim temos uma base epistemológica a partir da qual podemos avançar. O nosso argumento deve levar em conta que se existe uma natureza do homem pautada nos mecanismos como impressões (experiências) vividas e sentidas na forma de sentimentos que, por sua vez formam a idéia de sujeito através de memórias *costuradas* pela imaginação, a formação de todo o conhecimento, inclusive da nossa identidade e das nossas ações morais, são regidas pelas emoções (sentimentos, paixões).

A partir de agora, então, podemos afirmar que existe certa universalidade na natureza humana e uma ligação intrínseca entre moral e estética, pois ambas são regidas não pela razão e sim pela experiência vivida e pelo sentimento extraído desta experiência e guardado na memória. Se há certa universalidade inerente ao homem não seria possível tirar daí um padrão a nível estético, ou seja, um padrão único de gosto. Esta meta é impossibilitada, uma vez que cada sujeito, por meio da memória e da imaginação, é quem costura os diferentes sentimentos bons e ruins. Seria possível um padrão de gosto universal? Se não for possível, qual são os pressupostos para uma discussão (crítica) do gosto? Partindo desta epistemologia empírica e sensualista, cujo funcionamento acabamos de esboçar, em rápidos traços, podemos discutir aspectos da experiência estética.

### 3. PADRÃO DO GOSTO

Neste tópico continuaremos a discussão anterior, porém, especificando ainda mais o caminho feito pelo autor. Dessa vez retomaremos uma velha diatribe filosófica que autor escocês se empenhou

muito para responder: gosto se discute? A sua resposta clássica encontra-se em um ensaio específico sobre o tema, cujo título é *Do padrão do gosto*.

Nossa abordagem visa partir de dentro da argumentação humeana, como uma tentativa de “validar” uma afirmação de que poderia haver um padrão de gosto. Para isso a argumentação passa pelo combate a uma teoria relativista acerca do gosto, ou seja, a afirmação de uma defesa, no seu argumento, que gosto se discute ou pelo menos deveria ser discutido. O resultado é o confronto do autor com uma teoria relativista cujo enunciado afirma que há para cada subjetividade uma equivalência de gosto, concluindo, por este aspecto subjetivo, que o gosto não pode ser discutido. Não é este o ponto de partida de Hume. Em uma nota de rodapé do ensaio *Do padrão do gosto* temos a seguinte informação, fornecida pelo editor:

Gosto, segundo Hume é a Fonte dos nossos julgamentos relativos á beleza natural e á moral. Nós confiamos no gosto, e não na razão, quando julgamos que uma obra de arte é bonita ou que uma ação é virtuosa. O gosto ‘nos dá o sentimento de beleza e deformidade, de vício e virtude’ (Investigação sobre os Princípios da Moral, Ap. I). Portanto, o gosto é o fundamento tanto da moral quanto da critica. O projeto inicial de Hume era discutir o gosto moral e o gosto crítico segundo a estrutura do Tratado, mas ele abandonou esse plano antes que pudesse ser concluído. A sua Investigação sobre a Moral oferece a sua análise mais completa de como o gosto ou sentimento moral podem servir como fundamentos de uma ciência da moral (MILLER, 2004c, p. 367, nota 1).

36

Para podermos falar da questão estética do gosto em Hume, precisamos ter em mente pelo menos uma noção prévia de sua filosofia, ou seja, de como ele interpreta a realidade por meio de sua filosofia empirista, experimental e peculiar na moral, na política e em sua teoria do conhecimento. A longa exposição do item 3 acima procurou fornecer ao leitor essa noção de seu sistema filosófico, uma vez que tratar de experiências estéticas, grosso modo, é tratar, em princípios, da moralidade, do belo e do bom, conjuntamente.

Em um primeiro momento, o autor afirmar que há uma diversidade de gosto: “A extrema variedade de gostos e de opiniões que existe no mundo é demasiado evidente para deixar de ser notada pela observação de todos” (HUME, 2004c, p. 367). É inegável que há uma contingência na

variedade de gosto e esta se refere à subjetividade de quem emite estes juízos. Alguns relativistas tomam este fato como ponto de partida para sustentar a afirmação, ou melhor, a hipótese de que o gosto não se discute. Podemos destrinchar esses elementos que sustentam a hipótese relativista:

Existe um tipo de Filosofia que impossibilita qualquer esperança nesse empreendimento, negando que seja possível estabelecer um padrão de gosto qualquer. Ela afirma que há uma diferença muito grande entre o julgamento e o sentimento. O sentimento está sempre certo; porque o referente só tem a si mesmo como referencial e é sempre real, quando se tem consciência dele. Mas nem todas as determinações do conhecimento são certas, porque elas têm como referente alguma coisa além de si mesmas, isto é, os fatos reais, que nem sempre estão de acordo com o seu padrão (HUME, 2004c, p. 371).

Podemos identificar o sistema filosófico de Hume na qual o sentimento não está no objeto e sim em quem observa, ou seja, não tem uma conexão necessária entre o sentimento do observador e o objeto observado: “A beleza não é uma qualidade das próprias coisas; ela existe apenas no espírito que as contempla, e cada espírito percebe uma beleza diferente” (HUME, 2004c, p. 372).

No que segue, procuramos desmistificar a noção de que gosto não pode ser discutido. Neste processo, apresentamos outro argumento do autor, cuja origem remete ao do senso comum acerca da subjetividade de gosto. O núcleo central deste argumento do senso comum afirma que as pessoas, de modo geral, tendem a não comparar certas obras ou coisas:

Qualquer um que afirme a igualdade de gênio e elegância de OGILBY e MILTON, ou de BUNYAN e ADDISON, não seria considerado menos extravagante que se afirmasse que um monte feito por uma toupeira é mais alto que o rochedo de TENEREFE ou que um charco é maior que o oceano (HUME, 2004c, p. 372-73).

Deste modo o autor defende uma possível valoração universal de senso comum em não comparar certas obras umas com as outras. Essa postura é praticada e defendida para evitar alguns absurdos, por exemplo,



comparar a obra de Beethoven com a obra de Lobão<sup>1</sup>, fazendo de maneira indireta, o mesmo alerta do escritor na qual "... ainda sim ainda pode haver pessoas que preferam o segundo compositor, ninguém dá importância a seu gosto, e não temos escrúpulo em afirma que a opinião desses pretensos críticos é absurda e ridícula" (HUME, 2004c, p. 373). Assumindo certo desnivelamento, nesse tipo de comparação, por meio da inferência que se chega numa universalidade dos termos, o autor descartar a possibilidade de absoluto (metafísica) indo de encontro das leis que Hume chama no ensaio *O cético*, de Leis da crítica, no ensaio:

Existe um erro ao qual todos parecem sujeitos, quase sem exceção: eles limitam em demasia os seus princípios, tornando-se incapazes de dar conta da imensas variedade que a natureza sempre manifesta em suas operações. Uma vez que um filósofo consegue estabelecer um princípio fundamental, capaz talvez de explicar o mesmo princípio ao universo inteiro, reduzindo todos os fenômenos a esse princípio, mesmo que seja por meio do raciocínio mais absurdo e violento (HUME, 2004d, p. 283).

A partir daí podemos dirigir uma crítica à universalização do juízo de gosto, por meio da inferência da passagem daquilo que é para aquilo que pode ser e de como ela pode ser utilizada no contexto da presente discussão. Hume diz que a arte é regida por algumas regras<sup>2</sup> gerais sendo "[...] fundadas na experiência e na observação dos sentimentos comuns da natureza humana" (HUME, 2004c, p. 375), porém, não podemos dizer que todos os homens sentem e percebem da mesma forma essas regras, que são melhores percebidas pelas emoções mais sutis: "Pelas emoções mais sutis do espírito são de natureza extremamente delicada e frágil" (HUME, 2004c, p. 375).

Dessa maneira o autor faz um alerta na qual o maior ou menor problema que se possa encontrar na captação das emoções dos espíritos sutis impossibilita o discernimento entre o que é belo é o que não é belo atrapalhando num certo gosto crítico, cuja confusão pode comprometer as operações do espírito humano, a exemplo do preconceito. Para que possamos captar o objeto em toda a sua plenitude, para que ele nos

<sup>1</sup> Lobão é o nome artístico de João Luiz Woerdenbag Filho nascido em 1957 na cidade do Rio de Janeiro é um compositor de grandes artistas brasileiros.

<sup>2</sup> Regras ou normas a partir do pressuposto na qual tudo aquilo que se pode ser discutido pelo homem, se pode chegar a um consenso entre os homens. Seria algo geral da natureza do homem e ajudaria a discernir o belo e, como consequência, ao que seria moralmente aceitável.

proporcione uma valoração do belo, é preciso que existir uma harmonia entre um conjunto de fatores:

Se quisermos realizar um procedimento dessa natureza e avaliar a força de qualquer beleza ou deformidade, precisamos escolher cuidadosamente o momento e o local adequados, proporcionando à nossa fantasia a situação e a disposição certas. A serenidade perfeita do espírito, a concentração do pensamento, a atenção devida ao objeto: se qualquer dessas circunstâncias faltar, nosso experimento será enganoso, e seremos incapazes de avaliar a beleza católica e universal (HUME, 2004c, p. 375)<sup>3</sup>.

Desta forma surge um raciocínio cuja compreensão indica que a arte é regida por algumas regras que não são absolutas, mas que serviriam para julgar o que é belo. Levando em consideração a contingência dos gostos daquilo que geralmente agrada as pessoas ou não, se essas regras são aplicadas aos casos particulares e não funcionam, o equívoco não é da regra e sim da imperfeição orgânica do observador: “Um homem com febre não pode esperar que seu paladar diferencie os sabores” (HUME, 2004c, p. 376). Desta maneira o espírito que está em estado defeituoso poderá ter problemas em uma avaliação do belo e o espírito em seu estado “Saudável podemos esperar receber um padrão verdadeiro do gosto” (HUME, 2004c, p. 377). O autor identifica outra deficiência do espírito defeituoso: a ausência de delicadeza: “Uma razão evidente pelas quais muitos indivíduos não experimentam o sentimento da beleza adequado é a ausência daquela *delicadeza*<sup>4</sup> da imaginação necessária para alguém ser sensível às emoções” (HUME, 2004c, p. 377).

39

<sup>3</sup> Mudando um pouco o rumo da nossa investigação e, ao mesmo tempo, fazendo uma ponte com o tópico anterior podemos observar um ponto bem curioso na nossa pesquisa acerca do gosto e da **escrita peculiar** do autor. Em um primeiro momento, com algumas ressalvas, Hume lança uma aparente linguagem de cujo método experimental foi influenciado por Isaac Newton.

<sup>4</sup> Em uma nota rodapé o editor dos *Ensaíos* Eugene F. Miller afirma: “Que no *Tratado da Natureza Humana*, Hume divide as percepções da mente em impressões e idéias. As impressões se dividem em sensações e paixões. Hume fala das paixões como impressões secundárias, visto que elas geralmente derivam de alguma sensação ou idéia precedente. Ele divide as paixões em violentas e calmas. Nos casos em que o termo *paixão* é usado no sentido estrito, como no Ensaio *Da Delicadeza do Gosto e da Paixão* é para designar apenas as paixões violentas, como amor e ódio, magoa e alegria, ou orgulho e humildade. Quando Hume fala de “delicadeza de paixão” no Ensaio *Da Delicadeza do Gosto e da Paixão*, ele quer dizer a predisposição ao ser fortemente afetado por paixões violentas ou ofensas, honrarias ou desfeitas, e outros acidentes da vida que escapam ao nosso controle. O que ele chama de “gosto” no Ensaio *Da Delicadeza-senso da beleza e da deformidade nas ações e nos objetos também é uma paixão, no sentido*

Hume concentra as formas da delicadeza na formação de um gosto crítico na educação e na prática. Afinal, para que haja uma boa capacidade de percepção do objeto e de sua beleza é preciso à prática, ou seja, o exercício, do refinamento dos sentidos e das outras faculdades do espírito. O resultado do refinamento dos sentidos conduz de certa forma, a uma *finesse*<sup>5</sup> na observação dos objetos para que nada passe despercebido em uma avaliação crítica do belo. A forma de educar não é forçando a natureza e sim através de um progresso crescente de aquisição de experiências sobre tons, gostos e sabores. Assim como diz o autor, “Não é com sabores fortes que se põe a prova um bom paladar” (HUME, 2004c, p. 380).

É preciso uma capacidade aguçada de distinguir, através da observação e dos sentidos, a beleza do objeto. Para isso é necessário uma boa prática e uma boa instrução prática dos sentidos, pois só através de uma experiência prática (método experimental) poderemos treinar e deixar a delicadeza do gosto cada vez melhor e mais apurada e, a partir daí, será possível surgir uma crítica do belo e teríamos bons críticos.

40

#### 4. CONCLUSÃO

A partir do que foi descrito acima podemos descrever algumas características acerca do estilo literário e principalmente a cerca do estilo ensaístico de Hume levando em consideração a análise de alguns de seus Ensaios sobre o assunto. Podemos também descrever a relação entre os termos alicerçados em uma epistemologia sólida *De que nada pode garantir a existência da relação entre causa e efeito no Maximo fazemos associações entre memória e imaginação* e no que se refere ao campo moral e estético, cuja raiz comum são as paixões. Ao defender uma tese contrária às teses relativistas, o filósofo escocês defende a existência de uma regra que permite ao homem discernir entre o belo e direcionar o juízo de gosto, mas que essa regra não tende ao absoluto e sim pelo seu método experimental (experiência prática). Se há algo de relativo essa relatividade não se deve à regra e sim ao sujeito que emite o juízo de gosto.

---

mais amplo, mas normalmente uma paixão calma. A delicadeza do gosto é uma sensibilidade apurada para a beleza e a deformidade nas ações, livros, obras de arte, companhias” (HUME, in MILLER, 2004e, p. 95, nota 1). Podemos perceber esse modo da mente em um outro ensaio que utilizamos como base para esse presente artigo o Ensaio *Do padrão do gosto*.

<sup>5</sup> Utilizei essa palavra com o sentido de Finura de maneira, sutileza de procedimento do bom gosto característica do bom crítico humeano.

Para Hume a idéia relativista sobre o gosto não serve para sustentar e explicar a tese de que o gosto não se discute, uma vez que podemos pensar em uma idéia de beleza podemos então compará-la e discuti-la, uma vez que o elemento invariante é a natureza humana. Sendo assim, a idéia de gosto é sempre *a posteriori*.

A vantagem desta abordagem é a descoberta de que, na medida em que o gosto é praticado e instruído, pode ser aperfeiçoado. Este é o pressuposto a partir do qual o autor defende que não há gosto absoluto e nem universal e, ao mesmo tempo, que o gosto deve ser discutido. Outro elemento desta análise diz respeito à percepção de que o caráter moral e educacional de sua estética na qual o belo estaria próximo das atitudes boas e justas poderia ser ensinadas e cultivadas em uma formação crítica.

## REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor W. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003, p.15-45.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **Dialogo e controvérsia na modernidade pré-crítica**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

HUME, David. Da simplicidade e do refinamento na escrita. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio morais, políticos e literários**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004a, p. 323-329.

\_\_\_\_\_. Da escrita de ensaios. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio morais, políticos e literários**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004b, p. 745-750.

\_\_\_\_\_. Do padrão do gosto. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio morais, políticos e literários**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004c, p. 367-369.

\_\_\_\_\_. O cético. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio morais, políticos e literários**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004e, p. 283-310.



**Helvécio Bastos Araujo**

<http://lattes.cnpq.br/4910989351728053>